

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal da Tarde

Class.: PIX-BR 80

Data: 10.05.71

Pg.: _____

SÃO PAULO PERGUNTA

JORNAL DA TARDE

10-5-1971

Uma estrada contra os índios do Xingu

Sr.: Sou estudante de Jornalismo e recepcionista-intérprete da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Em julho de 1970, tive oportunidade de conhecer o Parque Nacional do Xingu, onde estive para auxiliar numa pesquisa sociológica.

Convivi com os índios das tribos Trumai, Iaualapiti, Kamaiurá etc... Pude conhecer de perto os seus costumes e as suas atitudes. Pode ser surpresa para muita gente, mas esses elementos "primitivos" têm muito a ensinar a nós civilizados, em matéria de companheirismo e lealdade. A gente vê neles aquilo que a civilização nos forçou a esquecer: o "sêr real", isento de artificialismos.

A experiência do Parque Nacional do Xingu é única no mundo. Fundado pelos irmãos Villas Boas, tem a intenção de preservar a cultura indígena, o mais possível e integrá-las aos poucos no mundo civilizado. Estudos aprofundados no assunto indicam ser esta a maneira correta de agir: qualquer contacto brusco e desordenado entre povos com níveis diferentes de cultura é fatal para o mais fraco. No caso, o índio.

A ambientação deve ser lenta e controlada, fazendo com que o silvícola aos poucos adote os hábitos civilizados e tenha armas para agir num contexto social mais complexo. Se não o ajudarem desta forma, será um marginal.



O FUNAI acha a BR-80 necessária ao progresso. Aqui, uma estudante põe em dúvida essa posição do general Bandeira de Mello.

Tendo em vista esse aspecto, todo o contacto civilizado-índio que se faz no Parque Nacional do Xingu é controlado. A única abertura para o mundo exterior é por avião. Os visitantes chegam ao Parque por ele, mas não descem se não provarem terem sido vacinados (aliás essa é a condição básica para conseguir permissão para viagem). Não podem trocar presentes com os índios sem a supervisão do encarregado do Pósto. São também instruídos sobre como agir para não entrar em choque com os silvícolas, e só podem visitar as tribos acompanhados pelo pessoal do pósto.

Este contacto (que pode parecer "homeopático") dos in-

dios do Xingu com a civilização é a única forma possível de aculturá-los sem choques. Os frutos já se fazem sentir: as índias adotaram e mantêm o costume de usar vestidos, sem que ninguém as tivesse induzido.

Agora surge um problema gravíssimo — a estrada Cuiabá-Santarém ou BR 80, que tem o Xingu no seu traçado. Ela cortará o Parque bem ao meio, e é fácil prever o que acontecerá: extermínio de todo um povo.

Isto deve parecer claro: o elemento humano que abre estradas em plena selva não deve estar muito interessado em problemas étnicos ou antropológicos. Não sente a importância que tem o índio pa-

ra a nossa cultura. Não vê o mal que faz quando, por temor, agrada o índio com presentes e depois os negam, passado o medo. Não tem idéia de que essa gente ativa e bonita em pouco tempo poderá estar doente e deslocada frente a um mundo que não é o seu.

Por outro lado, é infantil acreditar possível um "policiamento" dessa gente, em plena selva, ainda mais que a curiosidade do índio poderia forçar o contacto com os civilizados.

Ninguém discute a importância de uma estrada para o progresso de um país. Mas também ninguém concebe que um governo tão coerente e consciencioso como é o de s. excia. o presidente Médici, incorra num erro tão grande.

O que se coloca são 80 km. de estrada (que poderiam ser desviados, sem grandes problemas), contra uma civilização que luta por se manter, e que constitui a raiz mais profunda do povo brasileiro. Todos nós temos obrigação de ajudá-los.

Cabe agora a decisão a alguém de direito e de consciência. Há pessoas, como o próprio presidente da Fundação Nacional do Índio, excelentíssimo senhor general Bandeira de Mello, que defendem o progresso acima de tudo. Mas algum humanista ainda deve sobreviver. Que ele apareça logo para evitar a catástrofe. Vera Lucia S. Leitão, Capital.